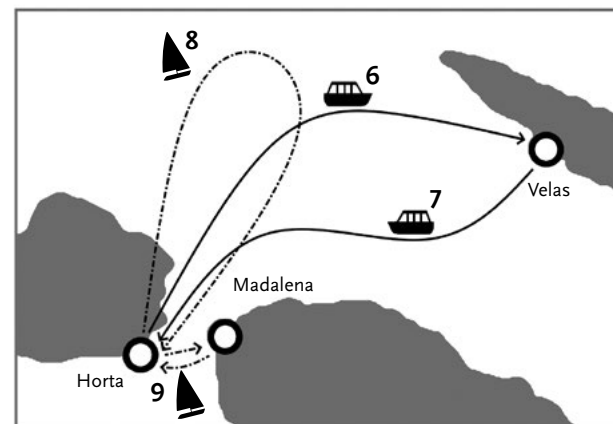
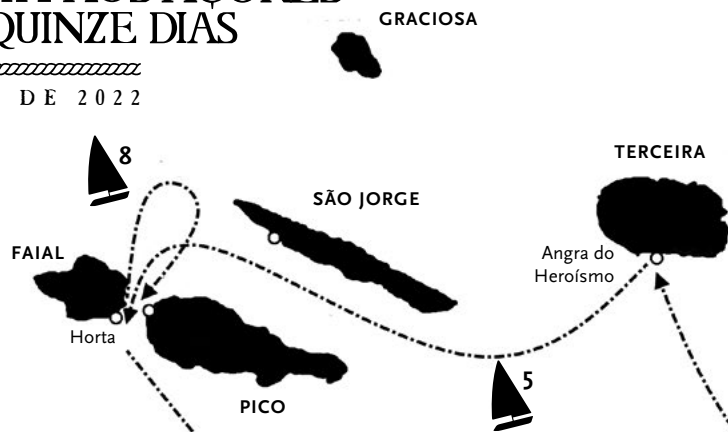




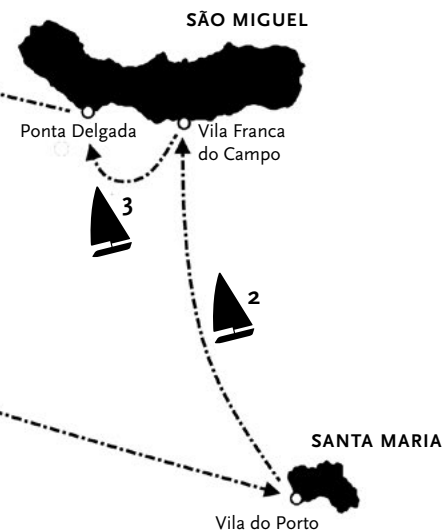
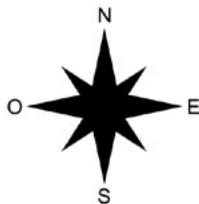
VOLTA AOS AÇORES EM QUINZE DIAS

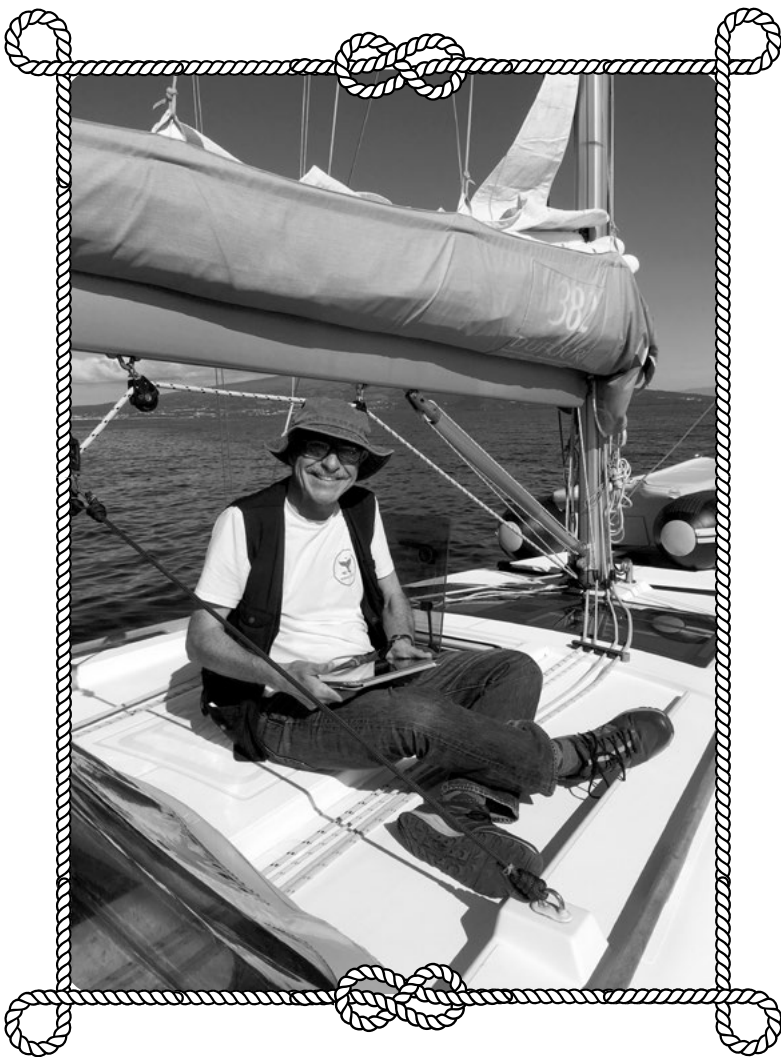
MAIO DE 2022



1. **Horta**, partida a 7 de maio e chegada a Vila do Porto a 9; 195 milhas / 38 horas
2. **Vila do Porto**, partida a 9 e chegada a Vila Franca do Campo a 10; 54 milhas / 10 horas
3. **Vila Franca do Campo**, partida a 10 e chegada a Ponta Delgada no mesmo dia; 12 milhas / 3 horas
4. **Ponta Delgada**, partida a 11 e chegada a Angra do Heroísmo a 12; 92 milhas / 22 horas
5. **Angra do Heroísmo**, partida a 13 e chegada à Horta a 14; 70 milhas / 28 horas
6. **Horta**, partida a 16 num *ferryboat* e chegada a Velas no mesmo dia; 20 milhas / 2 horas
7. **Velas**, partida a 17 num *ferryboat* e chegada à Horta no mesmo dia; 20 milhas / 2 horas
8. **Horta**, partida a 18 com destino à Graciosa; seriam 46 milhas, mas fizeram-se apenas 40 milhas em 10 horas, com regresso forçado à Horta no mesmo dia
9. **Horta**, partida a 20 para velejar entre Faial e Pico, com regresso à Horta no mesmo dia; 15 milhas / 5 horas

Uma milha náutica: 1,852 km





O autor no convés do pequeno veleiro *Avanti*, munido do seu iPad, no início da projetada Volta aos Açores. Durante 15 dias, o repórter, inspirado nos cronistas da época das Descobertas, escreveu um Diário de Bordo

VOLTA AOS AÇORES EM QUINZE DIAS

DIÁRIO DE BORDO DE UMA
VIAGEM PARA (NÃO)
ESQUECER



JOSÉ PEDRO
CASTANHEIRA

ÍNDICE

© 2022, José Pedro Castanheira
e Edições Tinta-da-china

Edições Tinta-da-china
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 — E.10
1750-149 Lisboa — Portugal
Tels.: 21 726 90 28
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Volta aos Açores em 15 Dias:*
Diário de bordo de uma viagem para (não) esquecer

Autor: José Pedro Castanheira

Fotografias:

José Pedro Castanheira

(pp. 35, 68, 78, 91, 96, 103, 106, 109, 121, 130, 154, 160),

Nuno Castanheira

(pp. 54, 74, 88, 124, 140, 182),

Afonso Castanheira

(pp. 4, 81, 113)

e Nuno Miranda Castanheira

(pp. 12, 30, 38, 46, 62, 93, 137, 148, 170)

Ilustrações e mapa: David Casta (pp. 22, 42, 135)

Revisão: Tinta-da-china

Composição: Tinta-da-china (Pedro Serpa)

Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Setembro de 2022

ISBN 978-989-671-704-9

DEPÓSITO LEGAL n.º 503585/22

13

PREFÁCIO: ALA BOTE!

Onésimo Teotónio Almeida

23

INTRODUÇÃO: UM SONHO DE 40 ANOS

31

I. 7 DE MAIO

*Um projeto adiado dois anos — A constituição da equipa —
O Avanti, a nossa casa comum — A razão de ser da exclusão das Flores e
do Corvo — As sete etapas da Volta aos Açores em 15 Dias — Compras
no supermercado e um gin no Peter Café Sport — A promessa de
um grafiti à chegada — O Pico sorri e augura uma boa viagem*

39

II. 8 DE MAIO

*A arte de manter o suspense — Turnos de vigia durante a noite — Cetáceo à
vista a bombordo — Um almoço de requinte: frango assado com dois molhos
— O baile mandado dos golfinhos — Telemóvel do escriba mergulha a dois
mil metros de profundidade — O estranho desejo de sonhar com o Flipper*

47

III. 9 DE MAIO

*Santa Maria: fim da primeira etapa — «Há mais vida para além»
de um telemóvel no Atlântico — Cinco matulões num Fiat Panda
— A encantadora Baía de São Lourenço — A subida ao baixinho
Pico Alto — Amostras para cana de pesca num posto da Galp*

55

IV. 10 DE MAIO

Santa Maria a São Miguel: segunda etapa da VAI5D — As férias de há meio século do Nuno-tio — Mergulho no ilhéu de Vila Franca do Campo — Onde se põe em causa o historiador Gaspar Frutuoso — Quando se fazia surf em colchões Repimpa — Um almoço de bacalhau nem à Brás nem à Braz — Entrada triunfal em Ponta Delgada

63

V. 11 DE MAIO

Finalmente a andar só à vela — A fake news do escravo negro que descobriu São Miguel do alto de Santa Maria — O escriba compra um novo telemóvel e umas cuecas — «Molha de peixe» num jantar inesquecível na Ribeira Grande — Cada um no seu camarote — A primeira noite sem o motor a zurzir ao ouvido — O Afonso barba-azul passa a bigode-azul

69

VI. 12 DE MAIO

O mal de mer volta a atacar — Uma onda traiçoeira projeta o comandante contra a mesa — O borda dentro do marinheiro Afonso — O terramoto de 1 de janeiro de 1980 — Uma breve incursão pela política — A descoberta de Angra do Heroísmo — Nos trilhos do Monte Brasil — Memórias da fortaleza de São João Baptista

79

VII. 13 DE MAIO

Descer a uma chaminé vulcânica no Algar do Carvão — Uma tempestade a caminho dos Açores — Graciosa fora do baralho — Partida de urgência da Terceira para a quarta etapa — O mistério da nascente de água a bordo — Uma prova delicada: água doce, salgada, salobra ou oriunda dos WC?

89

VIII. 14 DE MAIO

O regresso forçado à Horta — Tempestade no mar, marinheiros em terra — O espetacular Vulcão dos Capelinhos — O melhor museu da Europa de 2012 — Subir ao farol e passear no extinto vulcão — O anoitecer da Horta com o Pico à vista — Uma declaração de amor às três ilhas

97

IX. 15 DE MAIO

Das verdadeiras causas do enlevo pelos Açores — A campanha eleitoral de Mário Soares em 1980 — O pelouro das ilhas no Sindicato dos Jornalistas — A reportagem do 1.º de Maio que mereceu um prémio — Umas férias de verão com Onésimo Almeida — Uma ideia luminosa: ir de ferry a São Jorge

107

X. 16 DE MAIO

São Jorge: quinta etapa, num ferry de substituição — As amêijoas gigantes da Caldeira de Santo Cristo — Cancelada a viagem de regresso à Horta — Uma casa por uma noite na Fajã de São João — Cinco escovas de dentes e uma pasta dentífrica — As ovelhas e a vaca (ou boi?) do ilhéu do Topo — Uma tempestade assustadora

117

XI. 17 DE MAIO

Uma noite gelada em São Jorge — Toalhas de banho por ordem etária — Uma visita de médico à Fajã de São João — «Quanto mais salgada a água/mais doce a vida» — O barba-azul rapa o bigode — O Sr. Abel da barbearia Velense — O regresso ao Faial e o «mau tempo no canal» — Uma tarde livre na cidade da Horta — O diretor de O Telegrapho com sexo errado — Nova mudança de planos

125

XII. 18 DE MAIO

A caminho da Graciosa, sexta etapa da VAI5D — A estranha aliança de três deuses gregos — Dois autotestes inconclusivos — O Avanti inverte a marcha e regressa à Horta — Hospital confirma que é mesmo covid — Escriba-mor troca o camarote do barco por quarto de hotel — Companheiros brindam à sua saúde com gin do Peter Café

131

XIII. 19 DE MAIO

Ao Diário de Bordo sucede um diário com d pequeno — O quarto 202 do Horta Garden — Isolamento põe termo a barba de uma semana — Refeições em horário de quartel em tempo de guerra — Teste rápido TRAg confirma covid-19 — Isolamento obrigatório de apenas cinco dias — Nuno-sobrinho não quis ficar atrás e subiu ao Pico — À janela do quarto, como antes se namorava

141

XIV. 20 DE MAIO

Acordar com dores de garganta — Uma manhã gasta com burocracias — A arte de escarafunchar uma só narina — O teste que deu «pu-ze-ti-ve» — O Plano de Contingência Interno e a lavagem da roupa — Velejar nos mares do Pico ou a última etapa da fracassada VAI5D — A tripulação enche o escriba de amendoins — O irresistível aperto de mão do comandante Blasques

149

XV. 21 DE MAIO

O atribulado regresso a Lisboa dos quatro camaradas — Uma manhã passada ao telefone — Os protestos dos leitores que não conseguem falar para o móvel do escriba — Um novo número com direito a música — Contar amendoins para passar o tempo? — Duas semanas sem comprar jornais nem revistas

155

XVI. 22 DE MAIO

O último dia de isolamento — Uma janela debruçada para um telhado e sem vista para o Pico — Uma pastelaria chamada Bico Doce — O hotel Horta Garden afinal é um alojamento local — Um edifício do século XIX que resistiu a todos os terremotos

161

XVII. 23 DE MAIO

O primeiro dia do resto da vida do cronista — Uma garrafa de vidro como recordação — O absurdo quarto 301 — O patrocínio da conta bancária — Um pequeno-almoço dececionante — O mundo continua igual a si próprio — Os despojos da tempestade atlântica — Uma longa conversa com o Avanti

171

XVIII. 24 DE MAIO

Uma explicação devida aos leitores — O testemunho do Avanti — A batalha perdida dos mares da Graciosa — Rajadas de 40 nós e ondas de quatro metros — O vento rasga a vela grande — O GPS colapsa e o piloto automático deixa de obedecer — «Motor a fundo em direção à Horta» e firmeza no leme — Quem não tem medo é mentiroso ou irresponsável — Um Diário para orgulho de netos e bisnetos

183

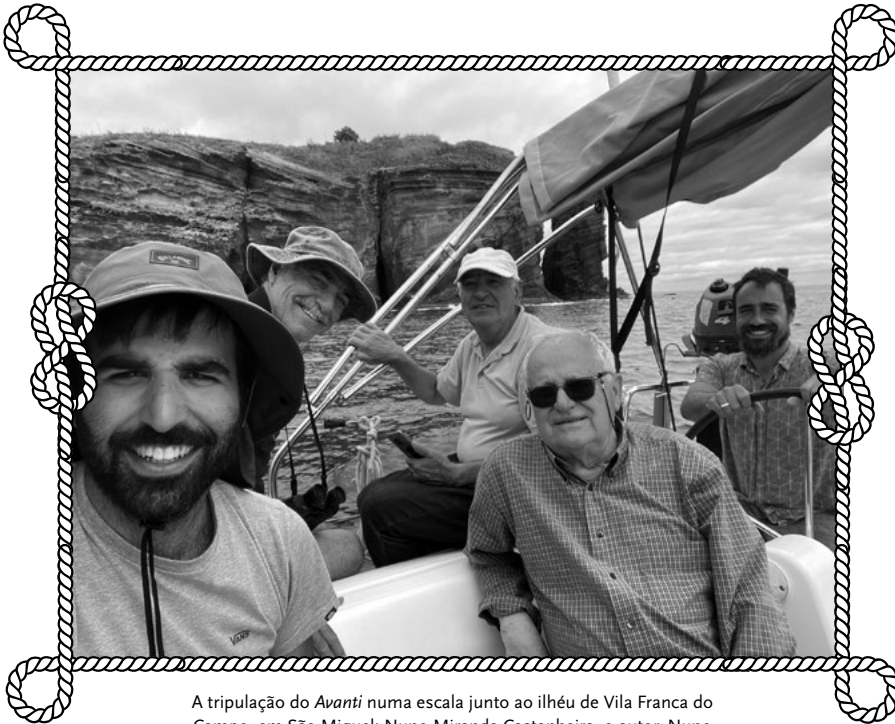
À LAIA DE POSFÁCIO

191

NOTA BIOGRÁFICA

PREFÁCIO
ALA BOTE!¹

Onésimo Teotónio Almeida



A tripulação do *Avanti* numa escala junto ao ilhéu de Vila Franca do Campo, em São Miguel: Nuno Miranda Castanheira, o autor, Nuno Castanheira, João Blasques e Afonso Castanheira

Fui um dos recebedores das prestações deste diário de bordo, crónica de uma viagem há muito anunciada mas vítima de adiamentos sucessivos. Com o decorrer dos dias, o entusiasmo da minha leitura subiu em ritmo crescente à medida que as intempéries complicavam a aventura de cinco arrojados marinheiros — contando com o cronista-de-serviço que, sem nunca soçobrar ao peso dos elementos, nos ia reportando as alterações de planos sempre a complicar-se. É que, nos Açores, os elementos são quem mais ordena. Quando Vitorino Nemésio escrevia que para os ilhéus «a geografia vale tanto como a história», investia contra os então emergentes cientistas sociais já obstinados em afirmar a superioridade das forças humanas (isto é, «culturais») sobre as da natureza. Instintivo e profundamente honesto nos seus palpites como sempre foi, Nemésio soube enfrentá-los, tratando-os com a sua distraída indiferença. Ele, que muitas viagens experimentou entre os Açores e Lisboa e entre as ilhas do arquipélago, bem sabia do que falava.

¹ Expressão açor-americana que hoje significa «toca a andar!», ou «toca a navegar!», mas que provém do inglês *All aboard*, a palavra de ordem do funcionário do comboio para avisar que os passageiros estavam todos «a bordo» e tudo estava pronto para a partida.

Raul Brandão, no seu *As Ilhas Desconhecidas*, não deu sinais (pelo menos eu não recordo) de o mar o ter incomodado sobremaneira. Deve ter tido sorte especial, pois qualquer açoriano, sobretudo os «das ilhas» (como os micalenses se referem aos habitantes das outras oito), batidos em barcos de pequena cabotagem, entendem bem na pele o que são viagens atormentadas. Este escriba, por exemplo, tem muitas acumuladas no seu palmarés. Desde uma em janeiro de 1970 entre São Miguel e a Madeira, no velho *Carvalho Araújo*, que o manteve agarrado ao beliche durante dois dias, até várias acrescentadas travessias nos navios-baloços *Cedros* e *Ponta Delgada*, durante dez horas de percurso entre São Miguel e a Terceira. Todavia, nenhuma delas igualou a trajeto entre São Jorge e Pico no iate *Espírito Santo* em pleno julho, precisamente um mês antes de ele terminar a sua longa e corajosa carreira afundando-se junto às Velas, em 1976. Quer dizer: qualquer açoriano sabe que mar é mar e nele nunca há que fiar nadinha. Como me dizia uma vez um octogenário marinheiro nas águas do Maine, «nunca subestimes o poder do mar!» (Soa melhor na grossa voz desse lobo marinho: *Never underestimate the power of the sea!*)

Daí a minha surpresa ao começar a leitura deste diário do meu velho amigo José Pedro Castanheira. A autoconfiança dele e da equipa, compenetrados na segurança dos seus planos delineados até ao mínimo pormenor, a sua crença na meteorologia e nas múltiplas capacidades das modernas tecnologias, conseguiram por uns dias embalar-me na cantiga de uma aventura marítima idílica. Ou seja, até eu fui na onda. Quem iria prestar atenção à experiência contida nos diários de bordo das caravelas do Infante? As

narrativas da história trágico-marítima soam agora a histórias da carochinha para consumo de inocentes. Hoje, viajar entre estas ilhas aonde em Quatrocentos e Quinhentos obrigatoriamente aportavam as naus no seu regresso dos mares do sul, forçadas a seguir a rota do largo por via dos ventos dominantes e das correntes, parece a muitos não passar de uma brincadeira. A verdade é que quem acompanha os relatos da comunicação social sabe bem que a realidade é outra, isto é, que estes mares mantêm as suas inesperadas birras, como aprenderam muitos marinheiros experientes e afoitos. E a prová-lo tenho o meu amigo holandês Pieter Adriaans, que um dia deu à costa em um modernaço iate cujo mastro se partiu numa tempestade. Desembarcou em São Jorge, foi em busca de salvação e, encantado com a descoberta do que lhe pareceu ser a Fonte de Juventus, acabou mudando de residência. O Pieter mandou às malvas a Universidade de Amesterdão, a filosofia e a informática, e hoje é, com a sua Rini, habitante da ilha onde se delicia a pintar a paisagem e a tocar música com os guitarristas da terra².

O autor da vigorosa narrativa que se segue não é nenhum neófito nos Açores. Confessa já ter cá estado uma vintena de vezes (por sinal, uma delas consistiu em duas semanas com a sua e a minha família em São Jorge e Pico, vai para 30 anos). Só que nunca cá viera de barco e isso faz uma diferença.

² Quem lê os jornais açorianos dá-se conta das muitas chamadas de SOS emitidas por barcos de recreio em viagem entre a América e a Europa. E não poucas vezes se depara com notícias sobre naufrágios. Nem de propósito, na noite em que terminei a escrita deste prefácio, e ainda antes de o enviar para Lisboa, leio no *Diário dos Açores* de amanhã que o barco de um iatista americano largado da Carolina do Norte há sete meses, e do qual nunca mais se tivera eco, acaba de dar à costa na ilha de São Jorge, mas sem sinais do seu tripulante.

Pensava na sua que, para marinheiros avisados, uma viagem em finais de maio não passaria de brinquito num lago, graças à moderna tecnologia que permite prever, e precaver, contra todos os imprevistos, temporais e ciclones. Ora, qualquer açoriano, por mais crente que seja no Santo Cristo e no Espírito Santo, desconfia de boletins meteorológicos. Diz-se que aqui acontecem as quatro estações num dia, só que o vento e a chuva ocorrem em qualquer uma, sobretudo em todas. Há muito suspeito eu que o título *A Regra da Instabilidade* do micalense Mário Mesquita (saudoso amigo meu e do José Pedro Castanheira) foi inspirado no clima insular que o seu autor bem conheceu na pele quando era jovem. Terá sido o instinto, apanágio seu, a aplicá-lo à política nacional. Afinal, não passava de intuição telúrica com raízes nativas. Aliás, a minha regra de experiência feita pu-la eu a circular há muito: *Nos Açores, o tempo muda num instante. Se está bom.* O que, convenhamos, não tem tanta piada como aquela outra que ouvi num bar de Dublin a um irlandês experimentado em clima semelhante, embora limitado à segurança da terra (é que nos Açores nem a terra é segura; nestes últimos meses em São Jorge ela tremeu mais de 30 mil vezes): *Isso de chover muito na Irlanda é treta! Por exemplo: na semana passada choveu, é certo. Mas foi só duas vezes. Da primeira, por dois dias; da segunda, por cinco. Mas foi só duas vezes!*

Quanto a mim, por mais que goste de ler e tecer loas aos meus Açores — hoje cada vez mais presentes nos *media* internacionais (não me esqueço nunca de ter deparado no início da década de 1990 com um artigo no *New York Times* que, em subtítulo, sintetizava estas ilhas como um cruzamento entre a Irlanda, o Havai e a Nova Zelândia) —, incomoda-me que a publicidade local iguale a das agências

de viagens interessadas em atrair visitantes: divulgam imagens paradisíacas soalheiras e policromas, todas verdadeiras mas apenas em momentos de generosidade meteorológica — uma espécie de benesse para quem tem paciência e tempo de por aqui se quedar sem pressas, dias suficientes para captar esses instantes de beleza transcendente. De resto, confesso ser eu também culpado. Obviamente não vou enviar aos amigos uma foto das lagoas das Sete Cidades invisíveis por detrás de espesso nevoeiro. Os desatentos turistas acabam, supõe-se, imaginando que tais idílicos panoramas divulgados na internet estão para aqui disponíveis por dá cá aquela palha, de perna aberta para qualquer um que cá arribe. O Pico, por exemplo (a mais amada terra açoriana do autor deste diário) é um snob de primeira grandeza. Desnuda-se para as visitas só quando lhe dá na real gana. Passa dias embuziado e escondido atrás das nuvens, apenas descobrindo a cabeça para quem se atreve a subi-lo e a admirá-lo altivo e arrogante além das nuvens. Mas não é só ele. A Lagoa do Fogo, o Salto do Cavalo e mais a serra da Tronqueira em São Miguel; o Pico da Esperança, em São Jorge; a inteira ilha das Flores e até o Caldeirão do Corvo jogam todos na mesma equipa. São uns *moody*, como se diria em inglês, uns enconchados sensíveis ao menor movimento das nuvens que teimam obstinadamente em proteger o arquipélago, não venham os turistas estragá-lo. Foi esse receio que levou há muitas décadas um corvino a pedir a um jornalista do *Expresso*: *Não fale mal de nós, mas também não diga muito bem porque não queremos que venha para cá muita gente estragar-nos isto!*

Mas basta! Este diário de bordo não é propriamente sobre a terra, mas sobre o mar açoriano. Passemos então ao

relato de viagem, pois foi essa a tarefa de que fui incumbido.

Se o José Pedro Castanheira me tivesse pedido um título, eu teria sugerido algo como *Nos Mares Açorianos: Confirmando as leis de Murphy*. Para quem não se recorda, a lei fundamental da longa e antiga série de Murphy reza assim: *Se alguma coisa pode correr mal, vai correr*. O primeiro corolário é implacável: *E isso ocorrerá no pior dos momentos possíveis*. Pois foi precisamente essa a associação mental que cedo comecei a fazer, à medida que me foram chegando os e-mails do Zé Pedro. Não vou referir a sucessão de reveses e contratempos que atribularam o corajoso quinteto; não quero estragar o suspense que a leitura destas páginas vai inevitavelmente provocar nos leitores. Antecipo essa reação não por clarividência da minha parte mas por saber aprendido no pelo. O autor deu-me carta-branca para ir partilhando os e-mails com uma lista de amigos, e foi o entusiasmo coletivo que ajudou a convencer-me da importância de transformar essas mensagens eletrônicas em livro de viagens. Reencaminhei para ele muitos dos comentários recebidos e, a dada altura, comecei a persuadi-lo de estar irremediavelmente embarcado num livro-a-ser.

Prometi não revelar nada do conteúdo, todavia neste despreocupado prefácio não poderei deixar de voltar a referir o bravo mar açoriano que os protagonistas desta aventura tiveram de enfrentar. Há passagens que me evocam algumas de *93* de Victor Hugo e *The Heart of Darkness* de Joseph Conrad. Dirão que exagero e será uma crítica justa, contudo li na adolescência o primeiro e uns aninhos mais tarde o segundo, e agora só posso comparar a emoção que recordo ter sentido na descrição dos confrontos com o mar furibundo. Na escrita açoriana, apenas experimentei emoções

equivalentes ao ler *Mar pela Proa* e *Viagem do Medo Maior*, de Dias de Melo.

Seria ridículo pôr-me aqui a fazer comparações com a *História Trágico-Marítima* — ao contrário do que algum leitor poderá ter pensado no início da leitura deste arrazoado. Esses, tal como as personagens de Dias de Melo, eram relatos de gente em luta pela vida, enquanto a aventura dos cinco no *Avanti*, a personagem-mor deste livrinho, não passou de um divertimento que ia dando para o torto. Mas há algo em comum: no tempo das navegações de Quatrocentos e Quinhentos não havia boletins meteorológicos. Nos Açores de hoje eles existem, mas muitas vezes são treta, um autêntico tiro no escuro. O Tempo (escrevi propositadamente com maiúscula) é aqui um autocrata — Autónimo e Independente — com birras idiossincráticas, cujos meandros íntimos nenhum meteorologista consegue desvendar. E quem se atreve a estes mares está sujeito a ele, por mais modernamente equipado se ache para abordar estas ilhas ou circular nas suas redondezas.

Para ser franco, a frescura e o vigor das páginas seguintes valem sobretudo pelas agruras que atingiram estes intrépidos navegadores bissextos. Tivessem eles completado o percurso pelas sete ilhas que haviam planeado visitar e completado esse feito com mar manso em dias de sol ou noites de luar e teríamos aqui mais um relato à William F. Buckley Jr. quando a elas aportou, descobrindo-as antes de muitos modernos e declarando-as as mais belas do mundo. O José Pedro teria escrito páginas a enaltecer o seu mágico Pico e a simpática cidade da Horta. Mas o seu diário de bordo ter-se-ia ficado pela rede de amigos. Graças à lei

natural implícita na célebre entrada de Tolstoi em *Anna Karenina*, foram os transtornos e os maus bocados a bordo, as noites quase em branco e os assaltos do *mal de mer* que transformaram o que seria um simpático livro de viagens para consumo gostoso de açorianos e açorianófilos num documento que se catapulta para patamares muito acima do mero jornalismo. É só entrar a bordo do *Avanti* pela mão do narrador e deixar que uma viagem de gozo vicário se desenrole diante de nós. Apreciemos a vantagem de entrar num universo real — nada aqui é ficção! — sem passar pelos males sofridos pelos tripulantes autênticos. Em vez de sustos e enjoos, encontraremos garantido deleite.

Luandino Vieira disse-me um dia que as pessoas que enaltecem tanto o mar nunca fizeram nenhuma viagem num oceano onde nada acontece o dia inteiro e o tédio impera. Nada menos aplicável aos 15 dias açorianos destes bravos marinheiros. *There is no dull moment*, como dizem os ingleses. Não há intervalos chatos porque as surpresas espreitam o leitor ao virar de cada página. O suspense que o autor refere no início como «o segredo do romance policial ou da crónica jornalística de exceção» encontra-se aqui habilmente praticado e exemplificado.

Não era, porém, esse exatamente o plano do amigo José Pedro Castanheira nem dos seus companheiros de jornada quando decidiram atribuir-lhe o papel de repórter. Mas ainda bem que o fizeram. Se o tivessem encarregado da cozinha, receio que a tormenta tivesse sido bem pior. Armá-lo escriba foi golpe de vista. Jornalista de gabarito, investigador de grande fôlego (basta ver a sua *opus majus* sobre Jorge Sampaio), aqui revela não apenas a garra do velho homem do mar à Hemingway, mas também o talento

do verdadeiro repórter, um Pigafetta em circum-navegação dos Açores. Os grandes beneficiários são os leitores amantes de uma narrativa de vira-páginas.

Divirtam-se. Para sofrimento, bastou o do autor.

Rosto de Cão, São Miguel, Açores
2 de julho de 2022



INTRODUÇÃO UM SONHO DE 40 ANOS

Dar uma volta pelas ilhas dos Açores num barco à vela, com um grupo de amigos, e explorar as suas extraordinárias belezas, aí está um sonho que acalentei desde que pisei o arquipélago a primeira vez, em reportagem, em 1980. O sonho ganhou uma outra dimensão, mais realizável, há meia dúzia de anos, quando comecei a velejar, sempre sob o comando e na companhia do João Blasques, velho amigo dos tempos de juventude. Até que, no início de 2020, decidimos transformar o sonho em realidade. Primeiro que tudo, impunha-se arranjar mais dois ou três tripulantes, o que não foi difícil para quem, como eu, e felizmente, conta com uma vasta e admirável família que gosta do mar, de descobrir coisas diferentes e bonitas e tem algum espírito aventureiro. Depois, havia que encontrar uma embarcação na cidade da Horta, onde, à semelhança de muitas marinhas um pouco por toda a Europa, há empresas que aceitam alugar veleiros sem *skipper*. Por fim, tínhamos de consensualizar uma data que encaixasse nas agendas pessoais de todos e num período de previsível e indispensável estabilidade meteorológica numa zona como os Açores, conhecida pela sua proverbial incerteza e instabilidade. Tudo conjugado, apontou-se para uma quinzena entre Abril e Maio de 2020. O que não estava no programa era a covid-19, que

entretanto fez o seu brutal e inesperado aparecimento, obrigando o mundo inteiro a rever e reformular os seus planos. No nosso caso, tivemos de adiar o passeio à vela, e por duas vezes, até que, no início de 2022, foi possível retomar o projeto e, finalmente, concretizá-lo, em moldes praticamente idênticos aos desenhados dois anos antes.

Já não me lembro quando nasceu a ideia de escrever um diário de bordo durante a viagem. A verdade é que, em anteriores viagens, se bem que mais curtas, nunca o fizera. Aliás, nunca escrevi propriamente um diário, nem sequer na adolescência, como acontece com muitos autores que depois enveredam pela literatura ou até pelo jornalismo. Na minha vida, que já vai sendo longa, fizera apenas um brevíssimo ensaio em 2014, na Balaia (Algarve), num dos vários períodos de confinamento a que me obriguei aquando da escrita da biografia do Presidente Jorge Sampaio. Durante uma dezena de dias, fui alinhavando uns textos que distribuía por *e-mail* a um grupo muito restrito de amigos, que os iam comentando em conjunto. Encerrei o dito quando percebi que esse diário me estava a reclamar cada vez mais tempo, a ponto de prejudicar seriamente a concentração e a disponibilidade requeridas pela escrita da biografia, que fora a razão que me levava a trocar Lisboa pela Balaia.

Desta vez, o diário foi enviado, igualmente por *e-mail*, para um grupo um pouco mais dilatado de leitores. Mas, diferentemente do anterior, os comentários que suscitou não foram abertos, isto é, só eu tive acesso a eles. O que, se por um lado impediu que a «conversa» se alargasse, fugindo à temática e ao controlo do autor, por outro limitou em muito, como era inevitável, o número de comentários. Além disso, decidi não responder individualmente a cada interlo-

utor, sabendo, pela anterior experiência, que isso iria consumir muito tempo, porventura em demasia, prejudicando outras tarefas que me cabiam enquanto membro da tripulação. Em boa hora o decidi. Logo no meu texto inaugural recebi 13 comentários de outros tantos leitores, um número que nunca deixou de crescer, perfazendo no final um total de quase quatro centenas, alguns deles bem longos e de enorme interesse — e é com muita pena que não os incluo neste livro, para não o sobrecarregar.

O que aqui se publica não é a simples transcrição das entradas diárias que fui escrevendo no barco ou em terra. Aliás, houve alguns dias em que nada escrevi — ou porque chegava ao final do dia completamente exausto, ou sentindo-me desinspirado, ou julgando nada ter de relevante ou de interesse para partilhar. Uma vez terminada esta Volta aos Açores em 15 Dias, ou VA15D, como passei a designá-la, com mais tempo e com a possibilidade de passar em revista o quanto nesses dias nos acontecera, não tive qualquer dificuldade em encontrar assuntos com pleno cabimento no diário. Além disso, e encorajado pela editora, não deixei de rever, burilar, completar, por vezes reescrever, o que antes enviara aos leitores, tantas vezes de forma apressada e sem uma recomendável revisão.

Ignoro quantos foram os leitores deste diário. Os destinatários por mim escolhidos, numa seleção sem grandes regras e até algo arbitrária, terão sido cerca de uma centena, metade dos quais familiares próximos. Alguns desses leitores pediram-me autorização para reenviar os meus textos a amigos e conhecidos que estariam interessados, ao que sempre acedi, com a condição de não caírem nas redes sociais (o que, tanto quanto sei, foi cumprido). Mas houve outros

leitores que, de moto próprio, partilharam alguns textos. Razões pelas quais ignoro completamente o número total de leitores a quem o diário foi chegando, no todo ou em parte.

Se este é o meu primeiro diário a sério, é igualmente o meu primeiro livro fora dos cânones a que sempre procurei cingir-me, os do jornalismo ou da grande reportagem de investigação. É verdade: todos os meus anteriores livros, e já são mais de uma dúzia, com exceção de um texto mais académico³, resultam de um trabalho de feições eminentemente jornalísticas. Procurei sempre que fossem marcados por uma escrita igualmente jornalística, com respeito escrupuloso pelos factos e pelas respetivas fontes, pelo rigor, com uma adjetivação limitada e criteriosa, sem cedências à especulação e muito menos à ficção, numa linguagem acessível ao grande público. Mesmo a biografia, em dois volumes, de Jorge Sampaio, podendo ser considerada um trabalho historiográfico, é, a meu ver, e antes de mais, o resultado de um longo e quase exaustivo trabalho jornalístico.

Ora, este diário é bem diferente. Neste sentido, não deixa de ser uma surpresa para muita gente — a começar por mim próprio, que nunca me julgara capaz de encetar uma experiência do género. A escrita do diário é muito diferente da que sempre usei nos meus quase 50 anos de jornalista: uma escrita deliberadamente seca, curta, contida, respeitadora dos factos e acontecimentos, dos seus contextos e envolventes, assim como das características e do discurso dos sujeitos intervenientes. Aqui, muito pelo contrário, quase tudo é

3 *No Reino do Anonimato: Estudo sobre o Jornalismo Online* (Coimbra, Minerva, 2004). Trata-se da dissertação final do curso de pós-graduação em Jornalismo (ano letivo de 2000-2001), organizado pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e pela Escola Superior de Comunicação Social.

permitido, com a exploração de recursos inesgotáveis como a imaginação, a criatividade, o diálogo, a memória, o humor, a ironia, o suspense, a provocação, a interrogação, tudo isto coroadado com a riqueza fantástica que é a língua portuguesa. Dito isto, há que deixar um alerta: é que tudo quanto é relatado se baseia em factos verídicos. Isto é, nos 18 dias que compõem este pequeno diário não há um único facto que eu tenha inventado. A ficção limita-se, apenas e só, à forma como esses factos são descritos, relatados e encadeados. Neste sentido, permitam-me o atrevimento de dizer que me mantive fiel ao valor mais sagrado do jornalismo, o do respeito pelos factos, que ou vivi e testemunhei diretamente ou me foram relatados pelos meus companheiros de aventura.

A transformação do diário em livro deve-se muito à sugestão, estímulo e encorajamento de vários leitores, com especial destaque para dois: o Onésimo Teotónio Almeida, querido amigo de há mais de meio século, que foi o primeiro, ainda o diário não ia a meio, a propor-me que pegasse em quanto estava a escrever e que dele fizesse um livro, que considerava ter cabimento na área da literatura de viagens; e a Bárbara Bulhosa, que editou os últimos três livros em que tive alguma responsabilidade, e que, finda a aventura de velejador, quando me recebeu na Tinta-da-china, me surpreendeu com uma proposta de edição já pensada e estruturada, com a coleção em que deveria inserir-se, a dimensão do volume, o tipo de paginação, a arrumação por capítulos, o tipo de letra, a forma de promoção e até uma data aproximada de lançamento.

A ambos vão, portanto, os meus agradecimentos. Extensíveis, como não podia deixar de ser, aos meus quatro camaradas da tripulação do veleiro *Avanti*: o já referido João

Blasques, o meu filho Afonso e os dois Nunos Castanheira, o Nuno-tio, meu irmão, e o Nuno-sobrinho, que por vezes será designado ao longo do diário por Nuninho. Todos eles alinharam desde o início nesta aventura literária dentro da aventura náutica, dando-me tempo, todos os dias, para poder aviar mais uma prosa para os leitores, entre os quais, está bem de ver, eles eram dos primeiros destinatários. A maior parte das fotografias pertencem-lhes, como partiram deles muitos relatos, pistas, sugestões e estímulos, mas também críticas e correções. Um obrigado especial também a duas pessoas que me ajudaram, sobretudo no período de isolamento a que fui obrigado na Horta: o Pedro Moura, ex-camarada de profissão e velho amigo, e o Marco Goulart, meu paciente estalajadeiro durante cinco dias.

O manuscrito foi lido com toda a atenção pelo Onésimo Almeida, que também me deu a honra de escrever um excelente prefácio; pelo João Garcia, de cuja leitura crítica não prescindindo há muitos anos; e pela Luísa Pinto Teixeira, querida amiga e grande apreciadora de crónicas de viagens. Outros leitores, obrigatórios, mas sempre entusiasmados, foram a minha mulher, Lúcia, e o nosso filho mais velho, Pedro.

A todos, aqui deixo o meu sincero agradecimento, extensível aos colaboradores da Tinta-da-china, que sempre tratam os meus trabalhos com simpatia, carinho e enorme qualidade.

O que se segue é o relato de uma aventura náutica repleta de peripécias, algumas das quais até poderiam ter consequências graves. Do seu relato num diário de bordo nasceu esta segunda e atrevida aventura, literária. Espero sinceramente que o leitor as aprecie e se divirta. Os Açores merecem-no.

José Pedro Castanheira

VOLTA AOS AÇORES EM QUINZE DIAS

DIÁRIO DE BORDO DE UMA
VIAGEM PARA (NÃO)
ESQUECER





O veleiro *Avanti* na marina da Horta; companheiro e cúmplice desta Volta aos Açores, aguarda ansiosamente a chegada da tripulação

Um projeto adiado dois anos — A constituição da equipa — O Avanti, a nossa casa comum — A razão de ser da exclusão das Flores e do Corvo — As sete etapas da Volta aos Açores em 15 Dias — Compras no supermercado e um gin no Peter Café Sport — A promessa de um grafiti à chegada — O Pico sorri e augura uma boa viagem

Queridos amigos

Era para ter sido há dois anos, em maio de 2020, mas o confinamento obrigou-nos a todos a ficarmos trancados em casa. O adiamento era inevitável e todavia esperávamos que a covid-19 fosse mais complacente e tolerante e permitisse que nos fizessemos ao mar em 2021. O teimoso vírus, porém, agora travestido de novas variantes, voltou a ditar a sua lei — lá ficámos de novo apeados em terra. À terceira foi de vez. E cá estamos, mais velhos e pacientes, mas ainda mais decididos, a cumprir o nosso projeto de uma volta aos Açores num pequeno veleiro.

O *skipper* — a que a tripulação prefere chamar nosso comandante, com continência e tudo — é o João Blasques, patrão de alto-mar (assim reza a carta de navegação que possui, obrigatória nestas águas atlânticas), marujo muito batido e curtido, engenheiro reformado com larga experiência de rios, mares e oceanos, com vento ou sem vento, divertido como poucos e companheiro de décadas.

O imediato é um sobrinho (um dos muitos) deste escriba, de seu nome Nuno Torca Castanheira, que ainda de cueiros aprendeu a arte de velejar e que em abril, esgotado de

uma passagem pelos gabinetes e alcatifas do poder político, decidiu tirar a carta de patrão de costa. Economista, tratamo-lo por Nuninho, para não se confundir — não que ele não mereça o carinho — com outro membro da tripulação, o Nuno Castanheira, engenheiro igualmente reformado, um dos sete irmãos de quem vos escreve, e que não tendo qualquer curso ligado aos mares foi eleito por unanimidade como cozinheiro. E aí, garante-vos quem sabe de faca e garfo nas mãos, é competente e expedito.

O quarto tripulante é o Afonso, o filho mais novo deste vosso amigo, músico e escultor, amante do mar e da sua variada fauna, sejam peixes, cetáceos ou aves, portador de uma carta de patrão local, e que, armado da inimitável barba azul, é uma espécie de marinheiro dos sete ofícios, uma categoria indispensável em qualquer embarcação que se preze.

O quinto e último tripulante é este cronista que assina por baixo, titular de uma bolorenta e muito esquecida carta de marinheiro, e que, pouco sabendo das artes da marinhagem, dos segredos dos nós e da nomenclatura dos cabos, temendo confundir latitudes com longitudes e bombordos com estibordos, repórter ainda que reformado, prefere remeter-se ao estatuto de escriba-mor — não propriamente do Reino ou da República, que para tanto lhe escasseia o engenho e a ambição, mas deste singelo barco e equipagem.

Alugado a uma empresa da Horta (Faial), a Sail Azores, calhou-nos um garboso e veleiro chamado *Avanti*, todo branco: no casco, no convés e nas duas velas. Para os mal-intencionados ou simplesmente desconfiados, nada tem a ver com um jornal de nome muito idêntico, que uma recente operação militar especial trouxe para a ribalta da polémica e da indignação. Avante, que não há tempo a perder e não

é do estilo do escriba enveredar por deambulações políticas e geoestratégicas, nem para tal o contrataram. Trata-se de um iate de marca Dufour 382, do modelo Grand Large, ou seja, «trinta e oito pés vírgula dois», que no sistema métrico corrente em Portugal, nos Algarves e Brasis, e até na União Europeia e arredores, dá 11,64 metros — de comprimento, bem entendido... Com duas velas, a grande e o estai de proa, tem de pontal (ou altura máxima do mastro) 3,85 metros, enquanto o calado (que vai da linha de água até à parte inferior da quilha) é de 1,90 metros, para um peso de sete toneladas. Possui duas rodas de leme à ré e o motor, porque os veleiros de hoje também o têm, é a diesel, de 40 cavalos. No interior dispõe de três camarotes e duas casas de banho com duche, podendo, como se vê, acolher com razoável conforto seis tripulantes. A cozinha está munida de tudo o que é essencial, tendo feito a felicidade do cozinheiro Nuno.

Expostos estes dados técnicos elementares para leitores mais minuciosos e coca-bichinhos, vamos ao projeto que, sendo bem simples, não deixa de ser venturoso, nada tendo de aventureiro, muito menos de temerário. A ideia é dar uma volta aos Açores. Não em 80 dias, que a pensão de reforma não nos permite os luxos idênticos aos dos endinheirados heróis de Júlio Verne⁴, mas apenas em 15. E não a todas as ilhas: não iremos nem às Flores nem ao Corvo, que a distância é grande e os ventos contrários para tão pouco tempo, e porque, não dispondo nenhuma delas de uma marina suficientemente resguardada, preferimos não correr riscos. Sim, porque sob o comando seguro do João Blasques o risco não é, decididamente, a nossa profissão.

4 Para usar a versão consagrada em Portugal de Jules Verne.

NOTA BIOGRÁFICA

José Pedro Castanheira (Lisboa, 1952) é jornalista profissional desde 1974. Tem formação em Economia e uma pós-graduação em Jornalismo. Trabalhou em jornais como *A Luta*, *O Jornal* e, durante 28 anos, o *Expresso*. Foi presidente da direção do Sindicato dos Jornalistas. Tem-se dedicado à grande reportagem e ao jornalismo de investigação, e ganhou alguns dos mais prestigiados galardões atribuídos em Portugal. É autor de uma dezena de livros, nomeadamente *Quem Mandou Matar Amílcar Cabral?* (1995, editado também em Itália e França); *A Filha Rebelde* (com Valde-
mar Cruz, 2003, editado também em Espanha); *Os Dias Loucos do PREC* (com Adelino Gomes, 2006); e *Jorge Sampaio: Uma biografia* (2 vols., 2012/2017). Na Tinta-da-china, publicou *A Queda de Salazar* (com António Caeiro e Natal Vaz, 2018) e *Olhe Que Não, Olhe Que Não!* (com José Maria Brandão de Brito, 2020). Este Diário é a sua primeira incursão literária fora dos quadros do jornalismo.

VOLTA AOS
AÇORES
EM QUINZE DIAS

foi composto em caracteres
Adobe Caslon Pro e impresso
na Acd Print, SA, em papel
Coral Book de 90 g, em
Agosto de 2022.